

REGENERADOR LIBERAL

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Typographia e impressão

Rua D. Antonio Barroso, 29-31

Redacção e administração

Rua D. Antonio Barroso

Editor responsável

FERNANDO MONTEIRO

O MORTICINIO EM AFRICA

Consummou-se o crime

Pertenceu ao sr. Gorjão a triste incumbencia de dar conhecimento á camara dos deputados do desastre soffrido pelas nossas armas em Angola.

Disse o ministro de marinha:

... n'um reconhecimento de emboscada, e de noite, fora surpreendida uma columna de operações, composta de 499 homens, faltando 16 officiaes, 109 soldados europeus e 145 indigenas.

Este desgraçado acontecimento, que enluta o exercito e enche de amargura a alma portugueza, foi a consequencia fatal da teimosia do governo em não querer dar ouvidos á opinião sincera, que em muitas occasiões lhe fez notar a loucura de semelhante expedição. As nossas armas não soffreram um desastre dos muitos a que se expõem as tropas em campanha, a nossa gente foi victima de um crime conscientemente projectado pelo governo.

E não tente o sr. ministro da marinha disfarçar a enormidade das suas culpas com as grotescas subtilidades dos reconhecimentos e das emboscadas. De emboscadas são cheias todas as campanhas de Africa; é pre-

ciso, pois, contar com ellas e contra ellas precavorem-se os exercitos. A um simples reconhecimento não procedia, seguramente, uma columna de quinhentos homens, isto é, mais da quarta parte da totalidade das forças expedicionarias. As tropas chacinadas constituíam, sem duvida alguma, a vanguarda da expedição.

Não deslustra o exercito o desastre soffrido. Pelo contrario, mais uma vez elle mostrou que sabe morrer com honra, heroicamente. Mas os exercitos não são destinados a deixar-se matar ingloriamente, em loucas aventuras. Os exercitos deixam-se matar quando a honra o exige, vão ao encontro da morte, quando a sua morte serve a patria.

Ora o morticínio, que acaba de maguar tão fundamentalmente a alma nacional e de cobrir de crepes tantas familias e tantissimos corações, não serviu a patria nem salvou a honra; foi um producto previsto da inconsequencia do governo. Essa chacina foi simplesmente resultante d'um crime, de que é o unico responsável o governo.

E a responsabilidade do

governo não admite atenuantes porque lhe não faltaram prevenções; sobram-lhe conselhos. Não houve jornal, sinceramente patriota, que não lavrasse o seu protesto, que não implorasse misericordia para as victimas, que o governo levava ao sacrificio.

Nós aqui, em varias occasiões, deplorámos a insensatez da aventura e protestámos contra a loucura criminosa, que se ia praticar de animo leve. Aqui dissémos—ainda muito a tempo de se evitar este lamentavel desastre—o seguinte:

... Evidentemente que n'estas condições a expedição resolver-se-ha em um inutil e dispendioso passelo militar, se não se assignalar por um funestissimo desastre.

Não sympathisamos com o papel de prophetas da desgraça, mas temos por opinião que é preferivel dizer a verdade inteltra emquanto é tempo de remediar os erros e as imprevidencias, a hypocritisar patriotismos que conduzem a vergonhas e a irremediaveis desastres.

E pensando assim, lavramos o nosso protesto contra a loucura que se vai praticar, muito embora nos alicunhem de facciosos, de «sem patria» e de outros nomes feios com que os defensores do governo—as «Novidades» á frente—teem classificado aquelles que se não associam ao coro de fingidas esperanças, que os «sinceros» patriotas vão entoando.

E mais adeante exhortámos o sr. Gorjão a que não permitisse a continuacão da marcha da columna senão em condições de exito, mandando-a para isso completar com os elementos indispensaveis a ella peder defrontar-se com o inimigo e tornar positiva a occupação.

Fechou o governo os ouvidos a todos os conselhos, e mandando pelos seus orgãos officiosos,—*Novidades* á frente,—invectivar os que sinceramente lamentavam a loucura e pediam juizo, permittiu que se perpetrasse a aventura, que se consummasse o crime.

E não deviam ser preciosos os protestos da opinião para mostrar ao governo a temeridade da empreza, porque a impossibilidade do exito impunha-se por si mesma, se o exemplo da campanha allemã contra os herreros o não testemunhasse incontroversamente.

Os 1800 homens da expedição não eram demais só para a guarda de communicações.

Todavia vem agora o governo á camara desculpar-se com o commandante da expedição—official que em

obediencia aos seus brios não se podia negar a marchar para o açougue inevitavel e inglorio—e affirmar que tudo facultou á columna expedicionaria afim de lhe garantir o exito. E, quando lhe apontam a deslealdade do procedimento, toma o sr. Gorjão, emphatico e corajoso, a responsabilidade completa... e precipua, naturalmente. Mas quaes são as consequencias d'essa responsabilidade tão emphaticamente assumida?

Como se torna effectiva? Onde se encontra o castigo?

Governo de farçantes, de criminosos, que nem perante as lagrimas de tanto coração alanceado, nem perante o desespero de tanta familia enlutada, nem perante a enormidade das suas culpas, abandona os esgares de hystrião, as *boutades* de chocarreiro impenitente!

Folhas seccas

Que romagem tão triste e infortunada,
Que fuma nostalgia incomprehendida
Ao ver nas folhas—telrica bandada—
Pedacos d'alma, ruinas d'esta vida!

D'amor, doce visão adormecida,
Fulgo ver o seu genio, em forma aiada,
Dando o braço á esperanza fenecida
No roteiro de tragica jornada!

Folhas seccas! Que enorme desventura!
Sorrisos transformados em martyrios,
Ilusões a buscar a sepultura!

Unde inverno crestando os alvos tyrios,
Symbolo d'incerteza ou pouca dura,
A negra evocação de torves arios!..

7-10-904.

ARNALDO BRAZ.

FOLHETIM

SOUZA MARTINS

O EGRESSO

2.ª parte

NO COLLEGIO

Quem nos dava estas explicações era um trabalhador, ou donato, que tinha sido seraphico, mas que fora posto fora do collegio, por o seu cerebro não regular bem, segundo diziam. Tinha certas manias muito patusticas, e chamavam-lhe por isso o *fr. Junipero*, antigo personagem irrisorio, nos principios da Ordem.

O tal *visitador* chegou finalmente. Era um frade meio-hespanhol, meio-italiano, meio-turco ou japonéz, porque atrapelhava umas poucas de

linguas, sem dar conta de nenhuma. Soube, depois, ser natural do Mexico. Elle de fino tinha pouco, e patenteou isso exuberantemente no que fez. Quando a gente lhe ia beijar a mão, chamava a todos *santinhos*, e respondia a todas as perguntas: *si, si, e no, no*, sem passar disto.

Para se ajuizar do embotamento das suas facultades, basta dizer que, alguns annos decorridos, endoideceu.

Em Montariol demorou-se elle uns tres dias.

O nosso prefeito, que era então um tal fr. Boaventura, ainda estudante ou corista, convidou-nos um dia para fazermos uns pequenos discursos que iríamos, depois, recitar, publicamente, no refeitório.

Ora nós, francamente, estavamos muito aptos para fazer discursos, sem saber, quasi conjugar os verbos!

Mas cada um lá se arranjou como pôde.

Os que não puderam fazer nada

de original copiaram dos primeiros livros que lhes vieram á mão.

Eu vali-me de um discurso de D. João de Castro, que vinha nos «Logares Selectos».

Um meu companheiro, o Zeferino, uma creancita loira e travessa, que alinhavava ainda muito mal o a b e, serrabiscou para lá uns versos quaesquer, tirados do «Pensai-o-bem».

Quando appareceu no meio do refeitório, todos se começaram a rir daquelle piolhito, nuna grande anciedade de ver o que d'alli saia.

Elle, muito encavacado, com voz tremula, começou:

Jesus, amante das almas,
pelo vosso coração...

E neste ponto tão perplexo se sentiu, que não pôde atinar com o final da quadra. Mas fr. Antonio de Santa Maria veio-lhe em socorro, rematando:

Fazei que alcancemos todos
o fructo des' missões...

Foi uma risota geral. O Zeferino, aturdido, esgueirou-se.

Depois de todos fazerem a sua romaria, fr. Rodrigo concluiu a festa com um discurso imponente.

O mestre-escola transformou-se em tribuno. No fim ergueu vivas a todos os presentes e ausentes, em tão grande numero, que ficamos roucos de lhe corresponder.

O *visitador*, como não percebia nada daquillo, ticou enthusiasmadissimo. Fora talvez a prova de sympathia mais delirante que, em toda a vida, recebera.

Dois dias depois, este ingenuo padre *visitador* retirou-se para o Varatojo.

Contava-se delle a seguinte anedocta, que reproduzo:

Na sua passagem pela França hospedara-se num Hotel qua'quer elle

um frade leigo seu companheiro, um bello exemplar, tambem, de ge uidade e santa ignorancia.

Como sabia pouco, ou nada, de francez, na primeira refeição limitou-se a apontar para a lista que, casualmente, se lhe deparou, pedindo o primeiro petisco que lá estava indicado.

Trouxeram-lhe uma sôpa. Comeu, gostou, e apontou para o numero seguinte da mesma lista.

Trouxeram-lhe outra sôpa.

Foi indo assim successivamente e, depois de ter emmaido, sete ou oito sôpas diferentes, desesperado, abandonou o Hotel, rosnando pragas surdas contra os serventes.

Se depois deu pela asneira, não o soube.

As eleições realisaram-se effectivamente, em Varatojo, alguns dias decorridos.

Para o governo da provincia eram nomeados: um provincial, cinco definidores e um vigario geral, ou mi-

Escolas Agrícolas
"Maria Christina,"

LIÇÕES

Todas as plantas se compõem de 14 elementos, posto que se não encontrem distribuídos proporcionalmente, nas diferentes partes da planta.

D'estes elementos ha dez que se encontram em abundancia no ar e no solo e, por isso, o lavrador não tem necessidade de os conhecer. Os outros quatro que se não encontram em quantidade sufficiente, são: Azote, acido phosphorico, potassa e cal. São estes quatro elementos que o lavrador precisa conhecer e empregar para ter culturas remuneradoras.

O azote encontra-se no ar e no solo, mas só as plantas leguminosas o absorvem do ar; os outros encontram-se no solo.

O estrume do curral tem todos estes elementos, mas se alguns d'elles existem em quantidade sufficiente para as necessidades da planta, faltam os outros e d'aquí vem a necessidade do emprego dos *adubos químicos*.

Estes elementos não se encontram á venda sós, mas ligados a outras substancias.

O azote encontra-se em tres formas. *Azote nítrico, azote amoniacal e azote organico.*

Quando preciso *azote nítrico* tenho de comprar nitrato de soda ou nitrato de potassa; querendo *azote amoniacal*, compro sulfato d'amoniaco, desejando *azote organico*, compro sangue secco ou outros productos provenientes dos órgãos dos animaes e dos vegetaes.

O *Nitrato de soda* é um sal pardo, que se dissolve em egual peso d'agua pouco mais ou menos. Absorve facilmente a humidade do ar e por isso convem guardal-o em lugar bem secco. Deve espalhar-se duas ou tres vezes no intervallo de um mez, tendo o cuidado de o reduzir bem a pó se tiver embolado. Convem mistural-o com terra, areia fina ou gesso para a distribuição ser mais egual.

Não convem ás terras pouco arejadas, muito compactas e pantanosas.

Em cobertura emprega-se com tempo chuvoso. Nas sementeiras da primavera e nas plantas sachadas convem incorporal-o no solo. O nitrato de soda, bem como todos os adubos azotados dão bons re-

sultados na producção herbaça e foliaca.

Azote organico- Provem do sangue secco, chifre e couro torrado e reduzido a pó, residuos de lã, e estrumes re-des, sendo os principaes, tre moço, trevo, mostardeira branca, favas, ervilhaca, giesta branca, lentilha, colza, serradella, fetos e plantas marinhas.

Nitrato de potassa ou salitre. É um sal branco, mais rico em potassa do que em azote e por isso considerado geralmente como adubo potássico.

Sulfato d'amoniaco. É um sal pardo que se dissolve em duas vezes o seu peso d'agua e que tem as seguintes propriedades:

a/ não é arrastado pelas chuvas.

b/ tende a subir á superficie do solo.

c/ o seu azote é directamen-

te assimilavel pelas plantas. Emprega-se de preferencia no outomno para raizes de plantas pouco profundas, como são os cereaes. No outomno convem empregar apenas uma parte do sulfato d'amoniaco e o resto na primavera.

Acido phosphorico. O phosphoro existe na natureza em combinação, principalmente sob a forma de phosphato de cal e existe nos ossos dos animaes na proporção de 22 %.

Queimando-se phosphoro em ar bem secco obtem-se um pó branco, muito ávido d'agua que se transforma em acido metaphosphorico. Hydratando-se este acido dá o acido orthophosphorico; pondo-se este corpo em contacto com cal, combina-se com desenvolvimento de calor e segundo as quantidades relativas d'acido phosphorico e cal postas em presença podem formar-se 3 combinações:

- 1.º Phosphato basico.
- 2.º Phosphato neutro.
- 3.º Phosphato acido.

O phosphato basico é muito lentamente assimilavel pelas plantas quando é directamente empregado por uma simples pulverisação. É muito pouco solúvel nos liquidos do solo que tem em dissolução um pouco d'acido carbonico e insolúvel em agua pura e no citrato d'amoniaco alcalino. Para o tornar assimilavel e solúvel submete-se á acção do acido sulfurico que o converte em uma mistura complexa de phosphatos acidos, neutros e basicos; conhecida pelo nome de *superphosphato de cal*.

Não se deve empregar só, mas acompanhado do acido

phosphorico e ás vezes da potassa.

O phosphato neutro de cal é pouco solúvel na agua do solo, insolúvel em agua pura, mas facilmente solúvel nos acidos e no citrato d'amoniaco alcalino.

O phosphato acido chrystallisa em laminas nacaradas, muito solúveis em agua e no citrato d'amoniaco alcalino.

Scorias de phosphoração ou phosphato Thomas é um producto que provém das operações effectuadas na industria metallurgica para tirar o phosphoro na fundição.

A maior parte do acido phosphorico do phosphato Thomas encontra-se no citrato tribasico e contem muita cal; por isso se deve empregar nos terrenos pouco calcareos.

O phosphato emprega-se nos prados e encobertura, no inverno, n'outras culturas incorpora-se no solo em outomno. Pode tambem misturar-se no estrume do curral e misturado com adubos verdes e enterrado ao mesmo tempo.

Quando uma terra é muito pobre em phosphoro pode espalhar-se no 1.º anno 1:200 a 1:500 kilos por hectare e nos annos seguintes 200 a 300.

O acido phosphorico de qualquer dos adubos phosphatados dá bons resultados nos fructos e grãos.

Como o acido phosphorico se não perde é conveniente antes deitar de mais á terra do que de menos.

Os adubos phosphatados bem como os azotados são muito numerosos, mas o lavrador basta saber que para dar azote tem de deitar á terra—*Sulfato d'amoniaco* ou *nitrato de soda* e para dar acido phosphorico tem de deitar á terra *phosphato mineral*, ou *superphosphato mineral* ou *Phosphato Thomas*.

NOTAS A ESMO

Um vén de lucto envolve, presentemente, todos os corações portuguezes.

A alma da Patria, esta alma sonhadora e aventureira, que nos recontros sangrentos de Aljubarrota, nas noites tempestuosas da India, nas agonias prolongadas do Bussaco, sob o côro fremente dos trovões e de envolta com os rugidos pavorosos das vagas, enchera de admiração os povos e tanto contribuiu para o desenvolvimen-

to da civilisação, acaba, ultimamente, de soffrer um golpe profundissimo nas suas guerreiras energias, difficilmente sanavel.

Uns poucos de bravos, luctando corpo a corpo, numa lucta gigantesca e desproporcionada, combate rude e brutal de 1 contra 20, foram barbaramente chacinados pelos indigenas, nas paragens africanas, onde tantas glorias temo colhido e tão generoso sangue havemos derramado.

Morreram heroicamente, num grande impulso de patriotismo. Isso honra-nos. Mas succumbiram, tambem, traçoeramente, victimas infelizes do malfadado governo que preside aos nossos destinos.

Contra um inimigo poderoso e disciplinado remette-se um punhado insignificante de soldados, quasi inermes e sem recursos!

A sorte nem sempre nos ha de patrocinar.

O sangue das victimas deve clamar vingança para os despotas do poder que, mergulhados num utilitarismo vil e indecoroso, sacrificam assim, proposadamente, tantas e tão preciosas vidas.

Li no outro dia, algures, que se creara, definitivamente, um lyceu em Cabeceiras de Basto. Nós em que ficamos?

A mais importante villa do norte, o maior concelho de Portugal crusa os braços e permanece indifferente?

Que cobardia, que miseria!

Nada se fez, nada se fará! E não obstante, eu acredito que ainda muito se poderia fazer, eu estou firmemente convencido de que era esta a occasião mais propicia para se crear um lyceu.

Vejam que utopia! Tenho ainda esperanças de que se poderia conseguir isso em poucos dias, se alguém o quizesse.

Mas não temos gente. Ha quem pretenda os fins, sem empregar os meios. Ora isso é impossivel.

Hyssope.

Antonio Pacheco Leão

Sob a impressão dolorosissima que em todos os portuguezes causou o desastre das nossas armas em Africa, e mergulhados na mais profunda magua e tristeza, vemo-nos obrigados a fallar dum militar brioso e estimado, que, ha pouco mais de dous annos, saiu desta terra para ir servir no ultra-

mar, como official do exercito d'ahi, na esperanza de voltar, logo que terminasse o tempo preciso, a encorporar-se nas fileiras do exercito continental, no posto que tivesse alcançado, mas de que a fatalidade—terrivel palavra!—o quiz despojar, fazendo que elle tomasse parte na força disimada pelos canhamas.

Antonio Pacheco Leão, assim se chamava o malogrado official, permaneceu nesta villa, como 1.º sargento do nosso batalhão, durante muitos annos. Conquistou sempre a sympathia e amizade, tanto dos seus collegas e officialidade do batalhão, como de todos os barcellenses.

Ha pouco mais de dous annos, quiz ir para a Africa como alferes do exercito ultramarino. Conseguindo a nomeação, marchou com destino á provincia de Angola. Ahi desempenhou diversas e importantes commissões de serviço, sendo elogiado pelos seus superiores.

Organison-se a campanha contra os quantamas, e o alferes Leão foi nomeado para fazer parte da columna de operações.

Ha dias chegou a triste noticia do desastre soffrido pelas nossas tropas em Africa, que cobriu de lucto a alma nacional.

Todos queriam saber o nome das victimas, não só para conhecerem os martyres, que, luctando pela Patria, sacrificaram e perderam a vida, mas principalmente para averiguar se entre elles se contava o alferes Leão. E a ancía de saber recrudescia de momento para momento.

De todos os labios sahiram estas palavras: «O Leão tambem morreria?»

E estas palavras, respassadas de tristeza e pesar, tinham alguma coisa de presago.

Pediram-se noticias, enviaram-se telegrammas, mas as respostas eram pouco tranquilisadoras.

Por fim a esperanza desapareceu. Soube-se que o alferes Leão foi uma das victimas.

Não podemos descrever aqui a impressão que se apoderou dos barcellenses.

Que o digam as lagrimas que o coração de nós todos fez derramar num impeto de desespero, mas ao mesmo tempo repleto de saudades e tristezas!

Se o nome do heroico luctador fica gravado nas paginas sanguinolentas da historia patria, tambem jámais se apagará do coração dos barcellenses, que tanto o estimavam.

nistro substituto. Em cada convento havia um guardião, um vigario, um padre-mestre, para os noviços ou coristas, e um prefeito, para os collegios.

Da nova eleição resultou pois ser nomeado ministro-provincial fr. Maximiano da Virgem Santissima. Fr. José da Madre de Deus foi confirmado no cargo de guardião, em Montariol, e ficou, definitivamente, nosso prefeito, fr. Boaventura.

Houve, então, uma reorganisação completa no regulamnto do collegio. Vieram novos professores, e começou-se a estudar a valer.

O latim e o portuguez eram o *mot d'ordre* da instrucção dos seraphicos. Não se saia d'alli, mas ficava-se sabendo alguma coisa destas duas linguas.

As comidas melhoraram consideravelmente. As rezas, as leituras espirituaes eram, tambem, mais assiduas.

Que seria feito de fr. Domingos Sanches?

Era mysterio. Os frades abstinham-se de falar nelle. Se alguma vez perguntavamos onde elle parava, guardava-se rigoroso silencio.

Fr. Rodrigo continuava exercendo as funcções de sub-prefeito e de mestre-escola.

As seraivadas de *bólos*, ás noites, continuavam. Mas as victimas eram sempre as mesmas: o Zé Ferreira, o Zeferino e o Pinheiro.

Porque, no fundo, fr. Rodrigo não tinha máu coração.

Sem alguma razão nunca dava castigos. A sua aspereza era filha da época em que fôra educado.

Entrára para a Ordem já homem, Em Amarante, sua terra natal, fôra *regatão* de gado.

Tinha alguns conhecimentos, motivo porque lhe fôra confiado tal cargo.

A rigidez austera dos mestres inquisitoriaes e carrancudos, de palmaria em punho, inoculava-se-lhe no cerebro, quando creança. Por isso cingia-se aquelle systema de educação patibular. Não porque assim sentisse, mas porque assim pensava.

De resto, fr. Rodrigo era bondoso e familiar. Desculpava muita fragilidade. Só não contemporisava com garrotes.

Eu e quasi todos os meus companheiros lhe ficamos devendo muitas attentões e affectuoso carinho.

Os dias foram passando mais sissudos e melhor ordenados.

A ideia religiosa começou de fermentar fortemente em nossos cerebros tenros.

As praticas, as leituras, as meditações, as festividades a diversos santos iam-nos orientando, successivamente, na disciplina monastica.

Não havia, ainda, penitencias nem jejuns. Mas, em compensação, fa-

ziam-nos ver que a tudo aquillo, mais tarde, nos haviamos de sujeitar, ao passo que a mocidade fosse despertando, em nós, a lucta das paixões e o embate das mais fulgurosas utopias.

Estabeleceram-se canticos religiosos para antes e depois das refeições, que se iam cantando pelo caminho.

Com a meditação, porém, é que o meu espirito se não podia conciliar.

Meia hora assolapado no soalho, rodeado de sombras, num recolhimento imperturbavel, em frente de um altar... que martyrio!

Mandavam-nos pensar na leitura que antes se fazia. Mas pensar como, e para que?

Se eu tinha lá cabeça para estar dois minutos a matutar sobre a mesma coisa!

A principio ia pensando no que tinha feito durante todo o dia. Nos recreios, nos jogos, n'outras patuscadas.

Um dia deu-me para fazer uns ver-

sos. Foram medidos a compasso, porque não sabia outro processo.

Fr. Bernardo, que era então meu professor de portuguez, apanhou-nos, e não desgostou d'elles, apesar de mal medidos.

A primeira lição versou sobre meditação.

Enthusiasmei-me e, d'ali em diante, nas meditações, não pensava n'outra coisa.

E ao aninhar na cama, emquanto o somno me não visitava, mesmo por debaixo dos lençoes, ia esgravinhando num pedaço de papel enigmás que, ao outro dia, difficulosamente decifrava.

Bons tempos aquelles!

Gradualmente, a bastante liberdade que, a principio, disfructavamos se foi coarctando e restringindo.

O collegio, dizia, não era mais que um tirocinio para o noviçado.

(Continua)

A' inditosa viuva, a sr.^a D. Amelia das Dores Cibrão Pacheco de Leão, que acaba de soffrer a mais pungente dôr no seu coração de esposa extremosa, e a toda a ex.^{ma} familia enluctada enviamos os nossos sentidissimos pesames.

Espancamento

Fernando da Silva, o Visgado, d'esta villa, que ultimamente exerce a profissão de comprador de ovos, foi encontrado ha dias na estrada de macadam, na freguezia de Santa Eugenia de Rio Covo, em verdadeiro estado de embriaguez, prostrado com graves ferimentos resultantes de fortes pancadas que lhe foram descarregadas.

Conduzido em carro a esta villa, deu entrada no hospital da Misericordia, sendo-lhe ahi feito o curativo e ficando em tratamento.

Larapio

O sr. João de Faria, com loja de mercearia no lugar de Casal de Nil, na visinha freguezia de S. Martinho de Villa Frecainha, na noite de sabbado para o domingo ultimo, encontrou escondido por detraz d'umas vasilhas da sua adega o larapio Narciso da Silva—o Tacheiro—de Martim.

Este figurão foi preso e deu entrada na cadeia desta villa. Confessara que fôra ali com a intenção de roubar, penetrando na casa segundo as indicações que ha tempo na cadeia lhe fornecem o conhecido larapio—José Moreira, pois que a não conhecia anteriormente.

Anjinho

Falleceu, ultimamente, em Aveiro, o innocente Adriano, filho do sr. tenente Arthur Ferreira de Castro. A seus paes o nosso pesame.

«Regenerador»

Entrou no 6.^o anno de publicação este nosso estimado collega de Famalicão.

Felicitando-o, desejamos-lhe larga vida e muitas prosperidades.

Conselheiro José Novaes

Este nosso presadissimo amigo e prestigioso chefe politico, esteve nesta villa, na quinta-feira ultima, sendo visitado por muitos dos seus amigos e partidarios.

Dotes

A mesa da Santa Casa da Misericordia, em cumprimento de legados, vae distribuir quatro dotes a outras tantas raparigas pobres e honestas que queiram casar-se.

Para esse fim acha-se aberto o respectivo concurso.

Matriz

Na repartição de Fazenda d'este concelho está exposta a exame e reclamações dos interessados, até ao dia 10 do corrente mez, a matriz das contribuições de renda de casa e sumptuaria.

Carreira de tiro

Os srs. tenente Antonio Augusto Marques e David Rodrigues, do estado maior d'infanteria, acampanhados dos srs. dr. Vieira Ramos, presidente da camara e major Amorim Pessoa, commandante do batalhão foram, no penultimo sabbado, examinar o terreno escolhido para a carreira de tiro neste

concelho, que fica no lugar dos Lavadouros, no monte de Gamil, a dois kilometros desta villa.

Os distinctos officiaes acharam magnifica o terreno e local escolhidos.

Resta agora a approvação do governo para installar a carreira e escola de tiro.

Cadeia

Movimento de presos na cadeia d'esta comarca durante o 3.^o trimestre do corrente anno:

Existiam, 20; entraram, 27; soltos 34; removidos, 2; existem 11.

Legados

Em cumprimento d'um antigo legado, é hoje distribuida em Abbade do Neiva uma fatia de pão e uma sardinha a cada uma das pessoas que forem rezar um Padre Nosso e uma Avé-Maria por alma do instituidor desse legado.

Matadouro

Durante o mez findo houve no matadouro o seguinte movimento:

Rezes abatidas: bois, 19, vacas, 41; vitellas, 9; carneiros, 8; total—71. Pezaram 11:701 kilos. Pagaram á F. N. 426:808 reis. á Camara 268:040 reis. e para o matadouro 47:600 reis.

Missa

Suffragando a alma da finada sr.^a D. Maria Miquelina de Sousa Botelho, mandou a familia enluctada celebrar uma missa, na segunda-feira passada, no recolhimento do Menino Deus, sendo muito concorrida.

Cartas de encomendação

Foram passadas cartas de encomendação, por um anno, aos srs. João Baptista Rodrigues e Antonio Fernandes para as freguezias de S. Martinho de Gallegos e Santa Leocadia de Tamel, respectivamente.

Homenagem merecida

Uma commissão de parochianos da freguezia de Alheira—aproveitando a occasião do anniversario natalicio da ex.^{ma} sr.^a D. Anna de Sousa d'Alvim e Lemos—offereceu na ultima quinta-feira um rico album a esta nobre e illustre senhora e ex.^{as} irmãs.

Commemorando esse acontecimento, houve naquella freguezia festivas demonstrações, de que vamos dar resumida nota.

A's 6 horas da tarde chegou a commissão á quinta do Pinheiro, acompanhada da acreditada banda d'Oliveira.

Momentos depois já o largo fronteiro ao Castello se achava repleto de povo.

As muito nobres e illustres senhoras do Pinheiro, reconhecendo que se tratava d'uma surpresa, aproximaram-se da janella e convidaram a commissão a entrar.

Então o sr. José Affonso Portella, falando em nome da commissão, disse que o povo da Alheira pedia licença para offerecer ás ex.^{as} sr.^{as} do Pinheiro aquella insignificante lembrança, em testimonho do reconhecimento, estima e alta consideração que todos lhes tributavam. S. ex.^{as} agradeceram commovidas as provas de affecto do povo da Alheira, protestando a sua eterna gratidão.

O digno capellão, approximando-se da janella, fez uma allocução, e entre outras coisas disse que de todo o coração se associava áquella manifestação tão justa e merecida.

Que era muito santo e muito honroso o motivo que os reunia n'aquelle lugar, onde o entusiasmo fazia vibrar todas as almas e a alegria brotava espontanea em todos os corações.

Que em nome da familia, de quem é humilde capellão, agradecia todas as manifestações feitas áquellas senhoras, brilho e lustre dos fidalgos portugueses.

Foi uma surpresa de veras agradável para a nobre familia do Pinheiro, sempre prompta a prodigalisar carinhos e beneficios.

Muito bem andou, pois, o povo da Alheira em dar uma prova do seu reconhecimento á ex.^a familia do Pinheiro.

O artigo editorial de hoje pertence ao nosso presado collega da capital «Jornal da Noite».

CARTEIRA ELEGANTE

Viagens

Regressou da praia d'Ancora, com sua ex.^a familia, o sr. dr. Eduardo Martins da Costa, juiz de direito desta comarca.

—Vimos nesta villa o sr. conselheiro Manoel Ignacio J. Amorim Novaes.

—Esteve no Porto o sr. conselheiro mgr. Domingos José de Sousa.

—Regressou á Povoia de Varzim, com sua familia, o sr. dr. David José Alves.

—Esteve em Braga o sr. dr. Joaquim Alvares da Silva.

—Vimos aqui o sr. dr. Manoel Nunes da Silva, actual juiz de direito da comarca de Caminha.

—Veio a esta villa, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e interessantissimas filhas, o sr. Joaquim Pinto da Fonseca, socio da importante firma bancaria portuense «Pinto da Fonseca & Irmãos».

—Encontra-se na sua quinta de S. Pedro d'Alvito, com sua familia, o nosso patricio sr. Antonio Carmona, commerciante, do Porto.

—Estiveram em Amares os srs. Luiz d'Almeida e Joaquim de Faria Peixoto, commerciantes d'esta praça.

—Foram ao Porto os srs.: padre Augusto Cunha, Antonio Fernandes Cordeira e Francisco Velloso Barreto.

—Regressou da Povoia de Varzim, com sua familia, o sr. Julio Vallongo.

—Esteve em Braga o sr. dr. José de Castro Faria.

—Partiram para a Povoia de Varzim o sr. Manoel Gomes Ferreira da Costa e familia, a sr.^a D. Henriqueta Guimarães Azevedo e as familias dos srs. Francisco José de Sousa e José da Graça Faria; para a praia d'Apulia os srs.: David Caravana e José Luiz Pinto e familias.

—Regressou do Douro, com sua familia, o sr. Victorino Paes Moreira.

—Com sua esposa e interessantes filhos, esteve em Penafiel o sr. João Carlos Coelho da Cruz, commerciante d'esta praça.

—Regressou d'Apulia a familia do sr. Manoel Augusto de Passos.

—Parte, por estes dias, para S. Paulo, Brazil, o nosso amigo e patricio sr. Joaquim Dias da Cunha Barbosa.

Boa e feliz viagem, e que regresse, em breve, ao convivio dos seus numerosos amigos, são os nossos desejos.

31vrança

Na quarta-feira ultima deu á luz, com muita felicidade, uma criança do sexo masculino a esposa do nosso presado amigo sr. Antonio Fernandes Cordeira, socio da importante firma commercial «Thomaz J. d'Araujo & C.^{as}». As nossas sinceras felicitações.

Anniversarios natalicios

Fazem annos:

Hoje—o sr. dr. João Jose de Sousa Christino.

No dia 11—o sr. Adolpho José Pereira Cibrão.

No dia 13—o sr. Eduardo Ilydio Vieira Ramos.

Enfermo

Na Apulia, onde se encontrava a banhos, achou-se bastante incommodado de saude o sr. Antonio dos Santos Pereira, empregado da recebedoria deste concelho.

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

DOMINGOS JOSÉ DE MIRANDA

SOLICITADOR ENCARTADO

Rua D. Antonio Barroso, 101

(em frente á recebedoria)

Barcellos

REGENERADOR-LIBERAL

Condições de assignatura

Trimestre	300 r.s.	com estampilha	360
Semestre	600 »	»	720
Anno	1.200 »	»	1.440
Avulso	30 »	»	35
Brazil e Africa—anno	2.500

Publicações

Corpo do jornal—cada linha	40
Annuncios	30
Repetições	20
Communicados	40

Os srs. assignantes têm o abatimento de 25 por cento.

Tambem se publicam annuncios permanentes por contracto especial.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração do «Regenerador-Liberal», Rua D. Antonio Barroso.

ANNUNCIOS

CASA

Vende-se a casa de 2 andares sita á rua Duque

de Bragança, d'esta villa, com os n.^{os} 22, 24 e 26, que pertence aos herdeiros do finado Luiz Monteiro Pinto Basto, ex-contador da comarca.

Tem muitos commodos e magnifico quintal.

Quem pretender dirija-se ao solicitador Domingos José de Miranda.

Estabelecimento de Ferragens

— de —

Manoel Alves Coutinho

CAMPO DA FEIRA, 90

Encontra-se n'esta casa um grande sortido de todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Preços sem competencia.

JOÉ MOREIRA DOS SANTOS FERREIRA

SUCCESSOR DE SEU PAE BENTO JOSÉ MOREIRA

Premiado nas exposições municipais de Barcellos com as medalhas de cobre (1889) Vermil—1.^o premio (1903) e Ouro (1904)

Casa fundada em 1868

RUA D. ANTONIO BARROSO E TRAVESSA DA MESMA

BARCELLOS

Officina e deposito de sapataria e tamancaria, com grande variedade de artigos. Chancas de Penafiel e do Porto. Chapéus de feltro flexiveis, de côco e de palha; tomam-se encomendas de chapéus de todos os formatos e qualidades; aceitam-se para concertos; ha sempre figurinos no rigor da moda. Sapatos de liga, pellica, feltro e ourêlo. Alpercatas. Guarda-soes de seda e de merino.

O proprietario d'esta casa participa aos seus amigos e freguezes que—pela muita abundancia de trabalho—acaba de adquirir pessoal necessario para o auxiliar no desenvolvimento do seu commercio e officina, achando-se actualmente, habilitado a poder cumprir, com promptidão e perfeição, qualquer encomenda que lhe seja feita.

Tem, portanto, o pessoal necessario e habilitado para poder satisfazer todos os pedidos que lhe forem feitos, tanto em obra nova como em concertos.

Em 48 horas, sendo necessario, compromette-se a fornecer uma qualquer encomenda, obra perfeita e garantida.

Deposito de moveis e colchoaria

— DE —

VIUVA MARINHO & SILVA

RUA D. ANTONIO BARROSO, 42 A 46—BARCELLOS

N'este bem montado estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda mobílias completas para sala de visitas, de mogno ou ceregeira, para sala de jantar, de nogueira, e para quarto, de mogno, camas á franceza, guarda-vestidos, ditos com espelho, lavatorios, guarda-louças, commodas, meias commodas, mezas de cabeceira, cadeiras, mezas, etc.

Tambem tem um grande sortido de mobílias de ferro, como camas e lavatorios; serviços de zinco para quarto, assim como bacias de diferentes tamanhos.

Grande deposito de colchões de todas as dimensões. Tambem se fazem por medida, á vontade do freguez e com a maxima promptidão.

Preços sem competencia

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA S. ULASAUX

O MAIOR DEPOSITO DE IMPRESSOS DO NORTE DE PORTUGAL

OFFICINA JUNTO AO CAFE MATTOS

PAPELARIA JUNTO AO CAFE PAULA

Depois de termos desenvolvido em Barcellos a typographia em condições de satisfazer ás necessidades da terra—que precisava recorrer a extranhos para tudo que dissesse respeito a trabalhos da arte— fomos mais longe ainda, estendemos a esphera da nossa acção a todas as terras do Minho e, assim, do nosso deposito de impressos, sortimos hoje—sobretudo dos modelos do fóro—os escritvães, notarios, delegados, etc. de Braga, Vianna, Villa Verde, Ponte de Lima, Barca, Arcos, Monsanto, Melgaço, etc. Como se isto não fosse sufficiente, fomos mais além: erimos o gosto e necessidade das facturas, dos envolveros, dos cartões impressos, a que hoje, garantimol-o, nem sequer é alheio o mais humilde

profissional de Barcellos. Temos machinas para: picotar recibos, para cortar papel, para litar gravado, para imprimir cartões, etc. Actualmente negociamos a compra de uma machina rotativa, do typo mais perfeito que está produzindo a industria moderna, com a qual contamos fazer trabalhos completamente acabados.

A obra estava incompleta, havia alguma cousa que faltava: a **papelaria**, que acompanhasse o progresso da officina typographica. Annuados, pois, da melhor das vontades, n'um dos melhores pontos da villa estabelecemo-nos com essa especialidade, de maneira a satisfazer ali os mais exigentes.

Impressos: Tudo, tudo quanto digno respeito á arte typographica, o fazemos e limitamos os nossos preços de forma a não dar direito que ninguém vá fóra da terra proger industria similar. Eis a nossa divisa: «perfeito, rapido e barato».

Deposito de impressos: E' o maior do Norte de Portuga—destinado a parochias, confrarias, juntas de parochia, fiscoes dos impostos, militares, escritvães de direito, no-

tarios, delegados, etc. Temos processos de contas e organogramas para juntas e confrarias organisadas conforme a lei, e que vendemos a 60 reis!

Agencia de publicações: Estamos em relação com as principaes casas editoras do paiz, achando-nos habilitados a mandar vir qualquer obra litteraria, scientific, etc. sem com isso aggravarmos o preço indicado n'ella.

Cartolina: Temos á venda a do typo da Baviera. Ha uma diversidade de peças interessantes, a escolher, em lotes de 50, 60, 70, 80, 100 reis e mais preços. Breve contaremos com deposito a typo das Cartas da Rainha, que ambos se fabricam n'este conceito.

Livros escolares: Possuimos todos os adequados para a nova reforma.

Papelaria: Sorvimento completo de papeis e livros para commercio e aprestos para escriptorio e desenhos. Caixas de papel e envelopes, a principiar em 160 reis! Jogos de regoas. Papeis.

Chromos: Rica collecção de chromos, alguns dos quaes constituem o mais interessante, o mais artistico typo para brindes com ind-

icações para: Bons annos, Felicidade, Amizade, etc.

Cacau puro, que substitue economicamente o café e o chocolate, não tem o inconveniente d'estes, pois nem é irritante nem produz embaraços gastricos, sendo de uma bebida agradável ao paladar, aromatica e nuttissimo alimentor. Basta uma simples colher de chá, deitada em leite ou agua a ferver.

PASTELARIA E CONFEITARIA CONFIANÇA

DE MANOEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

13 E 15, RUA DIREITA, 17 E 19 — BARCELLOS

E' uma das primeiras confeitarias n'esta villa, com numerosa freguezia, não só n'esta localidade como em Lisboa, Porto, Braga e Vianna do Castello, etc., para onde exporta a miude a

Especial laranja de doce de Barcellos

magnifico pão de ló, pastels de massa e carne, queijadinhas e outras variedades. A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza e sendo o seu fabrico de primeira qualidade.

Esta casa é a primeira n'este genero.

Premiado com a medalha de prata

Deposito de vinhos finos e do douro, qualidades espedaes. Conservas. Azeitonas em latas. Mostarda franceza. Doce de calda. Bolachas finas de Lisboa e Porto, e mais artigos que é difficil enumerar.

Especial café do Rio e Ilhas, em pacotes e avulso.

N. N. — Esta casa não faz doce para vender em romarias, sendo o seu fabrico especial.

CURSO NOCTURNO

Instrução Primaria — 1.º e 2.º grau

Curso elemental do commercio, Português, francez, noções de geographia geral e historia patria, arithmetica pratica e noções de escripturação mercantil.

A matricula achase aberta no «Externato Barcelense» — Rua Direita, 27.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Assignatura extraordinaria

A empreza proporciona uma assignatura extraordinaria a preços tão reduzidos que a aquisição da **Illustração Portuguesa** fica d'este modo assombrosamente economica.

O «Seculo», a «Illustração Portuguesa» e o «Supplemento Humoristico do Seculo» assignam-se, em globo, pelos seguintes preços:—98 000 reis por anno—48500 por semestre—28250 por trimestre—750 por mez.

Assignatura ordinaria

Portugal, ilhas e ultramar — Anno, 85000 reis; semestre, 45000; trimestre, 25000.

Brazil—Anno, 525000 rs. fracos; semestre, 305000 rs. fracos

Territorio da União Postal—Anno, 100000; semestre, 55000

Numero avulso 200 reis

A venda em Lisboa: na sede da Empreza, rua Poimosa, 43, e em todas as tabacarias e livrarias; no Porto: Tabacaria Arnaldo Soares; e em todas as terras do paiz, nas agencias da Empreza d'«O Seculo».

OFFICINA DE CARPINTERIA

DE

MANOEL RODRIGUES DA CRUZ LIMA

Campo de S. Luiz N.º Barcellos

Soalhos apparelhados de 300 reis e mais preços o metro quadrado.

Esquadrias de castanho, sueco, Pêtil-Pine e pinho da terra, a principiar em 650 reis e mais preços o metro quadrado, segundo o desenho de figura.

Esta officina é a unica que em Barcellos pôde construir mais rapidamente, offerecendo aos proprietarios mais vantagens, porque tem sempre material prompto para construcções.

Executam-se com a maior perfeição, e segundo os ultimos desenhos architectonico, construcções com a maior rapidez possivel e por preços muito convidativos, tanto de empreitada como a jornal.

O proprietario d'esta carpinteria tem tambem, em armazem, grande quantidade de madeiras de todas as qualidades, que vende por preços limitadissimos.